



APRESENTAÇÃO BREVE

O guia que ora oferecemos ao visitante/leitor da exposição Lusografias* mais não pretende do que fazer perdurar a informação copiosa desta mostra para além do fugaz período de apresentação pública. Antes de tudo, é forçoso salientar o facto de esta iniciativa permitir ao Arquivo da Universidade de Coimbra revelar um património riquíssimo oriundo das mais longínquas partes da Terra, conferindo--lhe, desta forma, uma assinalável, mas por muitos ignorada, dimensão universal. Foi, pois, difícil escolher, entre tantos, os quarenta e cinco documentos (dois são do Instituto de Paleografia e Diplomática) que traçam o itinerário histórico--cultural que propomos neste guia. Reparrem-se por cinco séculos, dezenas de gerações e quatro continentes, mas cingem-se na língua e na sua representação — a escrita.

Com efeito, por dentro de papéis, pergaminhos e livros, descobrimos uma intensíssima produção e circulação de cartas de negócios, de cartas privadas, de documentos jurídico-administrativos que, por mar ou por terra, sujeitos aos mesmos perigos dos homens, os naufrágios, a pirataria, os roubos, encurtavam as distâncias, aproximavam as gentes, estabeleciam direitos e obrigações. É admirável ler e analisar documentos feitos no Rio de Janeiro, em Macau, Lourenço Marques, Congo, Guiné, Goa e Sião (Tailândia). São autorepresentações dos nossos tabeliães, escrivães, missionário, e religiosos, entre outros, que transferiam para essas paragens distantes os seus modos de pensar, de orar, mas também de leitura e de escrita. Nas chancelarias, nas secretarias, ou em outros serviços, são adoptados, regra geral, os formatos, os materiais, os tipos gráficos e os teores diplomáticos da documentação nacional. Citem-se por exemplo, o uso do pergaminho, das meias folhas de papel, do papel de carta, dos selos de chapa, pendentos ou de segurança (para as cartas missivas), do lacre, da cera e da tinta ferro-gálica. Ao mesmo tempo, podemos observar o

multigrafismo dos tempos modernos, a autobiografia ou aquela feita 'com letra de outro'. Produzem-se, abundantemente, cópias e registos e lançam-se 'postilas' nos contratos. Para a expedição e transporte não faltavam, também caminheiros, correios e outros a quem cabia, por fim, entregar a correspondência (no sentido mais amplo do termo) entretanto acomodada em sacos, maços, caixas ou caixões, pois as viagens eram longas. É caso para perguntar: quantos documentos (e vidas) se perderam Muitos e muitos. Dos quais arrolamos, salientamos os respeitantes a personalidades como o médico Garcia de Orta ou o padre jesuíta Manuel da Nóbrega para quem o Brasil era 'a terra melhor do mundo' ou, de épocas mais recentes, José Bonifácio de Andrade e Silva, o 'patriarca de independência' do Brasil, António José de Almeida, eleito, Presidente da República Portuguesa em 1919 e António Agostinho Neto, estudante de Medicina, em Coimbra, corria o ano de 1948 e mais tarde Presidente da República de Angola (1975). Paralelamente, e numa época em que tanto se privilegiam as relações interuniversitárias e interculturais, destaque-se o importante intercâmbio da Universidade de Coimbra com a América, África e Ásia, sinal, por excelência, de vidas e histórias repartidas. Para além do movimento interactivo de professores e estudantes, são paradigmáticos os documentos n.os 42 e 43. O primeiro, de 1869, relata o envio da, ao tempo célere, planta medicinal, quina ou chinchona, do Jardim Botânico de Coimbra para São Tomé, Cabo Verde e Angola (numa acção de combate às sezões) enquanto o outro, de 1882, regista uma remessa extraordinária de produtos e objectos para os museus da Universidade: madeiras, instrumentos musicais, alimentos e até uma mão de búfalo petrificada. Por tudo isto, diga-se que muitos desejaríamos que as informações, tão preciosas, que estes e outros documentos do Arquivo da Universidade guardam, pudessem constituir um estímulo para investigações futuras sobre a história de Portugal e do espaço da lusofonia. Assuntos que deixamos ao cuidado de outras penas. A terminar, uma palavra de agradecimento ao professor João Gouveia Monteiro, Pró-Reitor para a Cultura, cujo apoio foi decisivo para a edição deste guia. À dr.^a Ana Maria Bandeira um especial reconhecimento pelo trabalho criterioso. À dr.^a Gracinda Guedes, D. Cristina Medina, dr.^a Ana Margarida Silva e D. Patrícia Abrantes também estamos reconhecidos. Ao professor Antero Ferreira 'aquele abraço'.

Coimbra, 13 de Fevereiro de 2005

Maria José Azevedo Santos Directora do Arquivo da Universidade de Coimbra

* Cabe referir que a feliz lembrança desta exposição, partiu de Instituto de Paleografia e Diplomática. Todavia, por razões alheias à vontade dos seus membros não foi possível levar por diante, com o Arquivo essa proposta. Deste modo, cabe-nos agradecer à doutora Maria Helena da Cruz Coelho o apoio dispensado bem como ao doutor Saul Gomes a ideia do vocábulo Lusografias a que, mais tarde, acrescentamos um sub-título. Agradecemos, igualmente, ao doutor Carlos Fiolhais, Director da Biblioteca Geral da Universidade a cedência da Sala São Pedro.